

Dom Pedro 2.º

Conferencia realizada na Faculdade
de Direito do Recife no dia 2 de De-
zembro de 1925.

Seria curioso fazer a historia dos monarcas desthronados, curioso e edificativo ao mesmo tempo. Essa historia, se eu tivesse de fazel-a, não saberia por onde começar. Mas, desde esse desgraçado rei Enzio a morrer de desgosto em a sua prisão do rude palacio do Podestá, tendo antes composto versos para dizer ao mundo que melancolias são as melancolias de um príncipe captivo, até ao nosso desventurado Dom Pedro 2.º, finando-se sem uma queixa, entre estranhos, na camara fria de um hotel e longe da terra da patria, — que interessante narrativa não seria essa, e que lição, talvez, de grande alcance moral não se tiraria d'ahi.

Porque serão depostos os reis? Por serem elles máus? Ou por serem bons? Por serem odiados? Ou por serem queridos? Nin-

guem o sabe. Não se conhecem nunca ao certo as causas que os fazem cair. A sorte dos imperios, como a dos soberanos que os dirigem, offerece ao espirito do observador ensinamentos fecundos, e tambem estranhos mysterios. Quanta incerteza, quanta obscuridade nos nossos conhecimentos! Sobre a interpretação dos varios factos que se desenrolam aos nossos olhos, os julgamentos são os mais diversos; cada um que os aprecie sob o seu ponto de vista proprio ou de conformidade com o seu credo scientifico ou religioso. Os historiadores e os philosophos estarão bem seguros das leis que pretendem haver descoberto — leis reguladoras dos acontecimentos humanos — e dos principios em que repousa toda a ordem moral? Deante do espectaculo dos factos historicos as difficuldades, com effeito, e as contradicções que estorvam o espirito, parecem insuperaveis. Dir-se-ia — assim se exprimem os que os observam — que os acontecimentos se seguem e se precipitam á mercê da sorte, algumas vezes; outras, que elles são preparados e conduzidos por certa mão providente; e ainda outras que elles são arrastados por uma força irresistivel. Acaso, Providencia, Fatalidade, que será então que os governa?

Relativamente ao nosso derradeiro imperador, estou certo seria elle proprio — esse legitimo “herdeiro de Marco-Aurelio” e discipulo de Epicteto — que teria dito do seu infortunio o mesmo que proferira o grande escravo e mestre do stoicismo: “Estou, disse este, no lugar em que a Providencia quiz que eu estivesse; queixar-me, seria offendel-a”.

E outro não é o sentimento inspirador d'estes seus versos :

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
por mais atróz que seja e sem piedade,
arrancando-me o throno e a magestade,
quando a dois passos só estou da morte.

Dom Pedro 2.º acreditava em Deus. E' com esse credo, mesmo, que elle começa aquella sua profissão, especie de testamento a que deu o nome "Fé de Officio", e que, datada de Cannes, foi remettida ao Visconde de Taunay. O fundo do seu sentimento religioso, ahi é espontaneamente confessado. Tocante confissão de quem soffria talvez no exilio os golpes d'essa Justiça immanente chamada sobre a Corôa pelos homens de Estado que haviam prendido o Bispo de Olinda, esquecidos da palavra da Escriptura : "Quem se choca com esta Pedra, ahi se parte".

Não era, por certo, ao imperador que se deviam attribuir as injustiças praticadas. Antes, ao systema e ao peso dos atavismos, transportados da metropole para a colonia como já se tem feito notar, do que ás disposições pessoaes do monarcha. Este era pessoalmente equitativo, religioso, bemfazejo. Machiavel, de facto, não reinou no throno d'esse rei.

Porque teria caído a monarchia no Brasil? Quaes seriam as causas da destituição de Dom Pedro 2.º? Haveria razão para preferir o paiz a forma republicana? †

Diversas causas têm sido successivamen-

te apontadas. Não ha historiador, nem sociolego, e até apressado turista em digressão pelo nosso paiz, que não tenha procurado explicar a seu modo as origens d'esses graves factos. Nem sempre a explicação é razoavel; paradoxal ás vezes

Uns attribuem a queda do regimen monarchico á ausencia prolongada do imperador de seu paiz, e á sua doença. Os homens de Estado mais eminentes afastavam-se do throno; o poder ia assim diminuindo a ponto de estar á mercê de um incidente.

Outros querem ver no grande amor do imperador á sciencia e ao seu interesse pela vida espiritual da nação, a causa do desmoroamento de sua dynastia. Por mais estranho que isso pareça, esse gosto do imperador pelas letras, esse seu pendor tão accentuadamente manifestado pelas obras da intelligencia, essa sua nobre preocupação por coisas outras que não fossem as só mesquinhas coisas da politica, fizeram-lhe muita antypathia e crearam-lhe um ambiente de hostilidade até mesmo entre os seus ministros. "Estes, dizia José Verissimo, em um interessante artigo sobre o imperador, não occultavam o seu desgosto por isso e alguns haveria que deviam achar singularmente estranho que elle lhes falasse no ultimo livro de Rénan ou na ultima communicação feita á Academia das Sciencias".

A abolição dos escravos tem sido communmente apresentada como uma das causas — mesmo a causa principal — da revolução republicana. Uma vingança, diz-se, dos escravocratas descontentes, que nunca se esque-

ceram de que o imperador sempre fora um forte abolicionista. Dom Pedro 2.^o realmente o era; e nenhuma phrase é mais significativa d'isso que a que lhe escapara dos labios, quando, doente, quase agonizante na Italia, lhe vieram dizer que estava extincta a escravidão no Brasil.

“Que grande povo!” — exclamou.

Não fora, contudo, elle que havia assignado a lei supprimindo definitivamente o regimen servil — lei até certo ponto de vista revolucionaria, porque sancionando uma expropriação da propriedade particular não estatua nenhuma indemnização aos prejudicados. “A escravidão foi, como disse o Principe Luiz d'Orléans — Bragança, uma grilheta que o Brasil teve de arrastar durante mais de um seculo por não ter, logo após a proclamação de sua independencia, decretado, como fizeram as republicas hispano-americanas, a abolição immediata d'esse regimen”. Não foi sem um ponderado estudo e sem muito cautela que os primeiros gabinetes do segundo reinado se occuparam da questão. Tinham os nossos homens de governo a consciencia de que era esse, com effeito, o problema mais grave e mais premente da nação; mas que era preciso agir com toda a prudencia e o mais seguro methodo, afim de que as consequencias praticas da inevitavel transformação fossem as menos desastrosas para a vida social e economica do paiz. Assim, a primeira lei — denominada do *ventre libre* — que se seguiu á supressão do trafico alcançada afinal em 1850, decretava,

sob o ministerio Rio-Branco, a emancipação de todo filho de escravo nascendo a partir d'aquelle momento. Depois, veio a lei de "libertação condicional" promulgada em 85; os velhos de mais de 60 annos ficavam livres. A extincção gradual do captiveiro, lesando o menos possivel os interesses dos senhores de escravos, era o programma do imperio. O movimento abolicionista, porem, não podia seguir o mesmo rhythmo lento das elaborações ministeriaes preparadas com todo cuidado. Nos ultimos annos da monarchia elle accelerou-se; a pressão da opinião publica tornou-se então irresistivel. Foi menos a ella que ao generoso impulso de seu coração, que cedeu a regente. Certo, não lhe era desconhecida a gravidade do acto que ia cumprir; porem, assignando a lei de 13 de maio, a princeza Izabel, como disse o seu illustre filho, "poz a caridade acima da politica". Com o imperador não se teria nunca obtido uma solução semelhante. Dom Pedro 2.^o seria incapaz d'esse rapido gesto de um traço de penna, equivalente a um lance de heroismo, que immortalizou a herdeira do seu throno. Não porque se receiasse de perder a corôa, a que não tinha nenhum apego. "Não era isso que o impedia de fazer o que fez sua filha," escrevia Joaquim Nabuco, mas a convicção de que a monarchia era necessaria ao povo brasileiro, e de que abalal-a no momento de fazer uma grande reforma equivalia a inutilizar a unica força que podia obstar a reacção".

Uma outra explicação da revolta de 15 de Novembro, é a desaffeição que se dizia ter o

imperador pelo exercito, a reorganização da guarda nacional que fazia parte do programma do ultimo gabinete, tendo vindo apressar o movimento. Seria, porem, verdadeira essa falada antypathia do monarcha pela classe militar? Não me parece que sim. Ao contrario, elle foi, durante os cinco annos da guerra do Paraguay, a personificação das forças armadas do paiz, e a quem, no dizer de Joaquim Nabuco, “os nossos generaes e soldados feridos levantavam o seu ultimo Viva, symbolico da immortalidade da patria; elle foi o unico verdadeiro amigo que o exercito teve em nossa politica”. O imperador mostrou sempre muita consideração e affecto aos bravos militares empenhados na luta e aos heroicos voluntarios da patria, os quaes encontraram no soberano um protector.

Tem-se dado tambem como causa do desapparecimento do imperio, a circumstancia de se achar elle isolado em todo o continente, não havendo e não devendo medrar ali nenhum governo hereditario. A America é republicana, foi, de facto, o argumento que se fazia valer na intimação dirigida a Dom Pedro no dia seguinte ao da proclamação da Republica. Esse estado de coisas, combinado com a mentalidade especial aos povos jovens e sem tradição, explica a facilidade com a qual um pequeno grupo d’homens deviam, na primeira occasião, derribar o throno imperial dos Bragança.

E a verdade é que esse throno ruiu sem que se desse um tiro, nem se desembainhasse uma espada em sua defesa. A revolução fize-

ra-se sem violencia nem effusão de sangue. A preguiça, o scepticismo e a indifferença do brasileiro permittiram aos acontecimentos se desenrolarem com uma rapidez e um exito que surprehenderam aos proprios autores da revolta. Raros foram os que protestaram. O brado unico talvez que se fez ouvir, foi o d'aquelle professor estrangeiro, o barão de Tautphoeus, a que o autor de *Minha Formação* faz referencia, e o qual gritou — *Viva a Constituição do Imperio!* — ante o desfilar das tropas do general Deodoro pela rua do Ouvidor, no dia 15 de Novembro. Um dos ajudantes de ordens preferidos do imperador, apresentando-se alguns dias depois ao novo ministro da marinha, exprimia-se n'estes termos : “Eu tive muita pena separando-me de meu velho amigo o imperador, mas o que está feito está feito. Não se pode agora voltar atrás e nem mesmo se deve. Os homens que amam seu paiz devem esquecer o passado e unir actualmente seus esforços para assegurar a paz e a grandeza do Brasil”. Esses sentimentos eram os da maioria dos amigos da familia imperial. Elles são aliás conformes á natureza apathica e fatalista dos brasileiros que aceitam facilmente o facto consummado.

Outras causas ainda são invocadas para explicar o movimento de 15 de novembro. Não faltam causas nem razões para justificar-o. Um velho costume nosso é o de dar sempre ao governo a responsabilidade das faltas que são commettidas por todo o mundo. O povo brasileiro tem mais esta particularidade : gosta muito de variar. Elle deseja-

ria mudar de governo como se muda de ares, de casa, ou simplesmente de prato. A revolução é uma mudança cara; mas elle pode dar-se a esse luxo: o que importa, é sair do trivial.

Como quer que seja, a verdade é que o governo monarchico não offerecia nenhuma segurança: o mais leve golpe poderia abatel-o. Não sei se o de 15 de novembro teria sido desviado com um pouco de energia e coragem, que a occasião exigia. Não tinha estabilidade, o throno de Dom Pedro 2.^o; era fraco o seu governo. Não é porque elle fosse monarchico que lhe faltasse a fortaleza. A forma de Estado não tem aqui nenhuma importancia. Monarchico, republicano ou socialista, um governo é forte, quando elle assenta em uma base solida de maneiras e tradições, e presuppõe um grupo social cujas necessidades se acham satisfeitas.

O povo brasileiro não é monarchista, como também não é republicano, é inteiramente indifferente ás formas de governo: isso já tem sido dito por mais de um escriptor. Um eminente sociologo, o sr. Oliveira Vianna, estudando o mechanismo do poder central no segundo imperio, accrescenta a isso: "Nas classes politicas, alem da admiração pelo imperante, ha também, na sua maior parte, o sentimento da grandeza e da superioridade das proprias instituições".

Mas este sentimento, ao meu ver, era por assim dizer todo ideal, não procedia da realidade. O monarchismo, e do mesmo modo o republicanismo, não foram nunca nem são

uma aspiração nacional. Se alguma aspiração se pode perscrutar na nação brasileira, é a da sua unidade. Unidade que o imperio, a despeito do seu systema centralizador synthetizado na formula d'aquelle escriptor — *integridade do paiz pela unificação do poder* — não conseguiu realizar, e que a republica com as suas experiencias de “federação centrifuga” e “federação centripeta”, não sei se o conseguirá. A centralização politica da monarchia não pode dominar as forças naturaes centrifugas do paiz, nem a dispersão de seus habitantes, e nem os seus habitos de indisciplina. O imperio havia surgido da necessidade de assegurar a unidade de direcção do movimento de independencia de 1822. Mas que podia essa autoridade sobre populações tão afastadas de si? A tarefa, com effeito, que se offerencia ao regimen imperial, era singularmente difficil. Elle succumbiu sem a ter podido executar. Cabia-lhe crear ja unidade de governo sobre esses grupos tão espalhados; solidarizar interesses os mais diversos; reduzir uma insubordinação gerada por tres seculos de aventuras e lutas; submeter emfim as innumeraveis oligarchias locais. Foi esse problema que a monarchia legou insolúvel ao novo regimen. Poderá resolvel-o a republica? Monarchia e republica não são afinal senão meras formulas de que a nação se serve em procura da sua unidade.

O imperio, todo elle, não foi mais do que um circo de estadistas romanticos girando em torno da figura central de um monarcha letrado, tanto ou mais romantico ainda do que

elles. A historia do regimen imperial pode-se dizer que é a historia mesma do liberalismo romantico. Tambem o ambiente em que se creou e se tem nutrido a vida republicana, não é menos saturado de romantismo. As palavras têm entre nós uma significação maior que as idéas, e as convenções valem mais que as realidades, dizia o sr. Oliveira Lima, attribuindo aos theoreticos da Revolução Franceza essas creações em nossos espiritos. Mas a idéa republicana — essa mesma —, se bem que antiga em nossa historia, não tem tambem aqui as suas origens. Ella não nasceu no meio brasileiro; é uma planta exotica que estamos ainda a ver se será acclimada.

“A principal falta da monarchia, escreveu o principe Luiz d’Orleans, — fora preferir, para ahi pôr sua autoridade, as idéas abstractas aos fundamentos naturaes que as lições do passado lhe teriam podido indicar. Durante muitos annos, ella poude se governar por seu unico prestigio. Vêm as horas difficeis em que este prestigio não basta para a defender contra as tempestades inevitaveis, e ella se achou desamparada em face das baionetas ameaçantes”.

O prestigio da monarchia não estava porém n’ella, estava, sim, na pessoa do monarcha. Todo o encanto do imperio residia em Dom Pedro 2.º, não era na sua corôa. Foi esse encanto que se teria rompido na madrugada de 15 de novembro. Dom Pedro, enfraquecido já pela idade e pela doença, não inspirava mais e nem dirigia o governo. Bastou que um dos batalhões de infantaria

ria, ao serviço de alguns officiaes descontentes e sob a influencia do positivismo republicano, resolvesse ter um governo novo, para que dentro de algumas horas a republica estivesse feita e o throno destruido.

Quem era pois esse rei, que assim realizava um prodigio de tal natureza — o milagre de sustentar, pelo seu unico valor proprio, as instituições vacillantes? Esse rei não tinha nada do “cavalleiro antigo”, e nem tão pouco do soberano militar ou do guerreiro que assenta na força material e na conquista a sua grandeza. Era um rei pacifista, um rei philosopho, um crente na virtude mirifica da paz e do saber. Seu desejo teria sido, provavelmente, “fazer de todos os padres professores e de todos os soldados lavradores e commerciantes”. Rei constitucional — como a si proprio se intitulava — elle levou o respeito das liberdades constitucionaes até a deixar arruinar-se o seu poder sem tentar mesmo defendel-o. “A honra do meu reinado, só pode ser — cumprir a constituição que jurei”. Precisamente por esse seu amor á Constituição e pelo respeito que lhe mereciam todas as liberdades, é que a manifestação do pensamento no Brasil, durante o seu reinado, foi a mais livre que ainda houve em qualquer parte do mundo. Se do imperador não se pode dizer que tivesse tido uma acção directa na evolução da mentalidade brasileira, com justiça se deve reconhecer que a sua influencia indirecta, permittindo a maior liberdade de pensamento — escripto ou falado — foi consideravel e assim o mais valioso serviço que elle

teria prestado ao nosso desenvolvimento intellectual. Nunca esse monarcha consentiu que se fizesse sequer uma regulamentação da liberdade de imprensa, que elle queria intangivel. A todas as tentativas que n'este sentido teriam partido de alguns dos seus ministros, elle sempre se oppoz. Quem quer que tivesse de falar ou escrever n'este paiz, podia usar do seu direito sem o menor constrangimento ao tempo de Dom Pedro 2.º. Liberdade excessiva, da qual, como não era de estranhar, abusaram os demagogos e os pamphletarios, mas que não é menos reveladora do character do soberano, do seu espirito de tolerancia, resistente a todas as conveniencias, e que dá bem a idéa de sua elevação moral.

Dom Pedro 2.º, como disse, era um apaixonado das coisas de intelligencia. D'ahi o vivo interesse que elle mostrou sempre pelo problema da instrucção publica, do que deu innumeradas provas. À expensas suas foram educados varios brasileiros que se tornaram depois homens illustres, multiplicou escolas, suggeriu reformas e melhoramentos, teve a idéa, a que elle se refere em sua Fé de Offício, de crear duas universidades, uma no norte e outra no sul, com as faculdades e institutos necessarios, não lhe sendo já extranho o ponto de vista regional: a instrucção foi uma das suas constantes preoccupações no seu reinado.

Que! cuidar em palacio quando não possimos escolas nem estabelecimentos de ensino em numero sufficiente! — foi a resposta por elle dada aos seus ministros que lhe lem-

bravam a conveniencia de fazer um palacio imperial : “Actualmente precisamos cuidar de vias de communicação, de immigração e de escolas”.

Quando terminou a guerra do Paraguay, quizeram as municipalidades e a população do imperio elevar-lhe uma estatua, em reconhecimento aos seus serviços e a fé patriótica com que elle resistiu á onda dos derrotistas. Dom Pedro 2.º recusou a offerta do monumento e pediu que a importancia da grande subscrição popular aberta para esse fim fosse applicada á creação de escolas. Não sei se haverá quem ignore ainda essas coisas, tão conhecidas são ellas. Todavia não ha nenhum inconveniente em tornal-as a dizer. E é opportuno que eu aqui as relembre. Ellas nos vêm recordar um dos mais característicos aspectos da personalidade de Dom Pedro 2.º. Contam que elle teria dito uma occasião; “Se não fosse imperador, desejaria ser mestre-escola”, — e eu estou certo que elle se acharia ali mais á vontade do que no throno. Não porque não se sentisse como rei na altura de suas funcções mesmo as mais arduas — e o seu reinado de quase cincoenta annos o provaria de sobra — mas porque se via como que encerrado em uma gaiola de ouro e não podia d’ella fugir. Ainda assim, que constantes mostras de querer trocar o manto pela capa; que esforços por se libertar da prisão, mesmo doirada.

Dom Pedro 2.º foi o soberano de costumes mais simples, de maior accessibilidade, e menos amigo do luxo, que ainda talvez existiu.

Seu palacio era a negação mesma da opulencia. Elle tinha, conforme refere um chronista, em certos dias o aspecto d'esses conventos sitiados pela pobreza. Suas carruagens eram ainda as do tempo de Dom João 6.^o; não poucos dos seus subditos ostentavam um tratamento mais fidalgo do que elle. Todo o mundo lhe podia falar, e elle recebia a todo o mundo. Os necessitados não batiam em vão á sua porta. Não se saia sem conforto ou desesperançado de suas audiencias. Que chefe de qualquer das republicas do continente teria um espirito mais democratico do que o do imperador do Brasil?

Elle proprio era declaradamente republicano; e foi esse o seu crime unico, talvez. Censuraram-no por isso: por não ser aristocrata. Queriam-no em uma vida de corte, que mantivesse uma aristocracia, e com esta, uma comprehensão melhor da elegancia, um gosto mais elevado de arte, e costumes mais finos, e mais requintada cultura. Alem d'isso, elle deveria ser o chefe de um exercito "aguerrido e brilhante", um dominador, um "rei militar e artista", em summa. Um rei com taes requisitos, observava Nabuco, "teria durado muito menos: não teria ministros para comprehendel-o, nem nação para o sustentar". Elle podia dizer ainda: e teria provavelmente vivido em guerra com as outras nações do continente.

Como quer que seja, Dom Pedro 2.^o não seria nunca esse rei assim idealizado por alguns dos seus criticos. Faltavam-lhe quali-

dades naturaes para isso. Depois nós não tinhamos aqui uma aristocracia, nem elementos para creal-a. Não se mantem luxo sem dinheiro. E é o de que nós mais careciamos, como ainda hoje. Nada ha de estranhavel n'isso : o dinheiro é a maior necessidade das nações novas que precisam desenvolver-se .E o Brasil está n'este caso.

A cõrte do nosso imperador era pois modesta e pobre como elle mesmo. E nem poderia ser rico um rei, que distribuia a maior parte dos seus vencimentos em esmolas. Das suas recepções no palacio de S. Christovão não trazia ninguem uma impressão de magnificencia, nem de extrema elegancia. Não se viam alli os botões reluzentes de fardas, nem de librés : nenhum apparatuso brilho de milicia ou de criadagem. Em compensação, que encanto de simplicidade, e, mesmo, mais do que isso : — de intimidade.

Quando de villegiatura em Petropolis, o imperador era visto algumas vezes, dizem, a conversar familiarmente com as pessoas de suas relações, a uma hora ainda muito matinal, bem proximo á estação do caminho de ferro. Comprehende-se como lhe seria assaz penoso o ter de vestir, no dia 2 de Janeiro de cada anno, para o fim de ir abrir o parlamento, aquelle costume do seculo 16 de que fala um escriptor, *em setim branco, com topes nas ligas e nos sapatos*, e que era o vestuario proprio do ceremonial. “N'esse dia — Dom Pedro 2.º punha aos hombros um manto transparente guarnecido de pennas de tucano; e de corõa na cabeça e sceptro em punho, sentado ao centro

de uma traquitana do senhor Dom João 6.º, sua magestade percorria em estado, á luz do dia, as ruas da sua capital. Era a unica pompa do imperio, e não havia já ninguem, em todo o Brasil, a começar pelo proprio imperador, que a não achasse burlesca". A todos assim parecia realmente. O Brasil, sob o governo de Dom Pedro 2.º, era uma "democracia coroadada", diziam assim os que da nossa monarchia queriam dizer bem.

Se pouco tenho falado do soberano e mais do homem, é que eu me não proponho fazer aqui uma historia d'esse monarcha, nem traçar tão pouco a linha politica do seu reinado: analizar as suas relações com o Parlamento e com os seus ministros, criticar o uso ou abuso que elle tenha feito do Poder Pessoal — estudos que demandariam um livro e não uma ligeira palestra. Depois, a popularidade do imperador deveu-a elle mais ás suas virtudes que ás suas qualidades de Chefe de Estado.

O povo não prezava n'elle a sua autoridade suprema, mas a bondade do seu coração. A sua bondade, a sua tolerancia, o seu altruísmo, a sua honestidade — eis o que se estimava e se estima ainda no imperador e o faz hoje, em todo o paiz, objecto de uma glorificação.

Como era differente Dom Pedro 2.º sob todos os aspectos da pessoa do pae? Dir-se-ia não haver ponto algum de contacto entre esses dois homens, e que, o que os caracterizava, era justamente a dissemelhança. De certo modo as leis da hereditariedade teriam tido aqui um desmentido; e as theorias que que-

rem ver no homem um producto do meio em que elle se formou e viveu, estariam tambem contraditadas em Dom Pedro 2.º Puro milagre de individualidade é o que elle nos revela.

O pae de Dom Pedro 2.º, o senhor Dom Pedro 1.º, fundador do imperio, tem sido muito maltratado por alguns historiadores. Apresentam-o ordinariamente como um príncipe libertino, impetuoso e mediocre. Aquí está um retrato, entre outros, do primeiro imperador, e de que eu tiro a copia: Fogoso e indomável na sua indole naturalmente rebelde, dando livre expansão aos seus instinctos desordenados, irascível e apaixonado, capaz de bravura e capaz de baixezas, ao mesmo tempo fidalgo pelo orgulho da raça e burguez, grosseiro pela educação que lhe deram e pela laia dos familiares que mais privaram na sua intimidade, misto de contradicções emfim, porque ao lado de sentimentos generosos era susceptível do mais bastardo egoismo, impulsivo, arrogante, violento e extremamente autoritario, dissoluto nos seus costumes e levando a falta de escrúpulos até a obcecação da consciencia”.

Era assim que o havia pintado o sr. Quintino Rocayuva, certamente carregando um pouco nas tintas. Na verdade, porem, era um rei de muito maus costumes e de má educação. E se fossemos a herdar tão somente de nossos paes, a herança do segundo imperador não seria invejavel. Mas, nós herdamos tambem de nossas mães. E a mãe de Dom Pedro 2.º, a imperatriz Dona Carolina Leopoldina,

era, como se sabe, uma distincta e bôa senhora, intelligente, e instruida. Os que a ella se referem, resaltam-lhe, principalmente, a doçura do character. Dom Pedro 2.^o não foi pois o confluyente dos dois rios de hereditariedades. Só da serena corrente maternal teria puxado alguma coisa.

A infancia do herdeiro do throno do Brasil foi uma infancia acerba, triste, desprovida de carinhos, a de um pequeno orphão de mãe e em quem, o infortunio do pae — forçado a abdicar a corôa e abandonar, no meio de uma revolução, o seu imperio — havia de deixar uma lembrança pungente. Faltaram-lhe para a formação inicial do seu character os elementos moraes mais preciosos : o amor materno e a paterna vigilancia. Assim viveu Dom Pedro 2.^o os seus primeiros annos : entre estranhos e privado de todas as affeições, recebendo a instrucção e a educação de preceptores glaciaes — elle se lembraria d'esta fria escola e d'esse duro tempo quando teve filhos e os cercou de caricias e desvelos.

O marquez de Itanhaem, seu segundo tutor, pode nos dar algumas informações sobre a infancia de Dom Pedro e sobre a sua educação. Em 1837, informa o marquez : “começou latim, em que vae bem; faz com promptidão as operações arithmeticas de inteiros, fracções, e complexos, não conhecendo ainda a parte philosophica; lê, fala e escreve francez, deixando pouco a desejar; lê e traduz com pouca difficuldade, mas não escreve ainda o inglez; applica-se com vantagens á historia.

E' dotado de vivacidade, penetração e reminiscencia em gráu eminenté".

De 38 a 39 dedica-se com gosto ao latim e já traduz prosa; encaminha-o na litteratura o dr. Roque Schuch, com quem começa o estudo de allemão; mostra decidido amor pela historia e pelos assumptos heroicos.

Em 40, Araujo Vianna, nomeado mestre de litteratura e sciencias praticas, allude ao desembaraço com que traduz versos latinos, espedialmente Virgílio; aos seus progressos na musica e no desenho; á sua firmeza e agilidade na arte da esgrima, em que é dirigido por Luiz Alves de Lima, o futuro duque de Caxias. N'esse mesmo anno elle começa philosophia e prepara-se para o estudo philosophico da historia e da sciencia do governo.

Desde que Dom Pedro 2.º foi declarado maior — soberano aos 15 annos — para outros estudos, os dos negocios publicos, é que o joven imperador teve de voltar d'ahi em diante a sua attenção e empregar o seu tempo. Mais tarde, elle se acharia casado.

Os casamentos dos monarchas não tinham ainda a esse tempo por base senão a alta razão de Estado. Hoje, ha-os talvez por outras conveniencias, e até mesmo por amor. E' verdade que os não preoccupa já a idéa de perpetuarem dynastias...

Creio não será preciso dizer aqui quem foi a esposa de Dom Pedro 2.º Muitos brasileiros eu sei que ouviriam pronunciar o seu nome com saudade; alguns, com emoção; e nenhum o teria ouvido sem grande respeito. O nome da Impratriz Dona Thereza Christi-

na está na memoria ainda de todos nós. E, se não estivesse na memoria, estava no coração. Adoravel senhora! Levou sua vida encerrada entre as quatro paredes de um velho palacio, ao pé do esposo e dos filhos — vida de amor e de sacrificio. Quase nunca saía. Mas era verdadeiramente amada pelo povo : o povo sabe a quem ama. Vou mostrar com que delicadeza, com que doçura e com que discreção ella era amada no publico. E' um illustre escriptor portuguez, o sr. Ramalho Ortigão, que nos descreve :

“Uma noite, depois de uma doença grave que a retivera de cama por algum tempo, a imperatriz reapareceu pela primeira vez, vestida de escuro, pallida, resignada e meiga, sob os seus bandós brancos, ao canto do camarote do imperador no theatro de Dom Pedro 2.º. Um homem velho, desconhecido, occupando um lugar de plateia, tirou respeitosamente o seu chapéu, e disse, n'um tom quase familiar, sem explosão, sem emphase : — Viva sua magestade a imperatriz do Brasil! — Sua magestade, em pé, tremula de commoção, apoiada ao peitoril do camarote, acenando com o mesmo lenço branco a que enxugava as lagrimas do seu enternecimento, agradeceu a unanime e estridente salva de palmas que a saudou”.

O imperador fora pois feliz com o casamento : encontrara uma esposa digna do seu nome. Ella acompanhou-o em todo o seu infortunio, e o consolou. Quanto teriam soffrido ambos n'aquella noite tragica de 15 de novembro! Para ser bem uma tragedia, ella con-

servou até o fim a nobreza e o pathetico, attributos da fatalidade. Nada ha até essa mysteriosa syncope mental de um principe que não tenha ali apparecido. A retirada da familia imperial parece ter tido, ao que d'ella nos têm contado, uma feição rude e simples; e se nós buscássemos os contrastes e os effeitos, podíamos oppôr á solennidade e á ostentação de força de que se acompanha habitualmente a marcha dos soberanos, essa descida do Parnahyba em mar encapellado, depois a passagem para o Alagoas sobre um fragil barco, em meio da noite.

E assim partia para o seu desterro o nosso imperador. Elle havia subido ao poder por uma revolução; uma revolução o apeiava do poder. "Alguns dos seus patricios disseram que elle foi tratado como outro Aristides; os seus subditos estavam cansados de ouvir louvores a si". Isso fora escripto em uma grande folha ingleza, por occasião de sua morte.

O velho monarcha não sobreviveu por muito tempo á imperatriz. Apenas o curto espaço em que poudes escrever, sobre a loisa da sua companheira, uns tristes versos.

Não sei se de Dom Pedro 2.º se poderá dizer com verdade que foi um grande soberano.

Elle foi um bom rei.

A lenda d'esse bom rei — como todas as outras — terá de ser submettida aos rigores da critica moderna. "Para que uma tradição saia das garras dos nossos jovens historiadores, dizia um escriptor francez referindo-se a Henrique 4.º, senão intacta, ao menos em um

certo estado de conservação, é preciso, sim, que muita verdade ali tenha sido reconhecida como tal". Poderíamos dizer a mesma coisa falando de Dom Pedro 2.^o.

Tambem nós, deveremos aceitar as reparações que a historia houver de trazer á imagem porventura desfigurada d'esse nosso imperador. Ficaré porem sempre, na evocação de sua figura, ainda o bastante para justificar um culto de patriotismo que durará tanto quanto a alma brasileira.

Odilon Nestor.
